

A anatomia passa, a poesia traspassa

José de Sousa Xavier

1ª Edição

Câmara Brasileira de Jovens Escritores

Copyright© José de Sousa Xavier

Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rua Crundiúba 71/201F - Cep 21931-500
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3393-2163
www.camarabrasileira.com
cbje@globo.com

Novembro de 2007

Primeira Edição

Coordenação editorial: Gláucia Helena
Editor: Georges Martins
Produção gráfica: Alexandre Campos
Revisão: do autor

X3 Xavier, José de Sousa.
A anatomia passa, a poesia traspasa / José de Sousa
Xavier. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Câmara Brasileira de
Jovens Escritores, 2007.
74p. ; 21cm.

ISBN: 978-85-7810-121-3

1. Poesia brasileira. I. Câmara Brasileira de Jovens
Escritores. II. Título.

CDD B869.1

Catálogo na fonte elaborada pelas bibliotecárias Cristina Bandeira
CRB 7/3806 e Stela Pacheco CRB 7/4087

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por
qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização
prévia, por escrito, do autor.

Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais

José de Sousa Xavier

**A anatomia passa,
a poesia traspassa**

Novembro de 2007

Rio de Janeiro - Brasil

A ciência não domina os mistérios do crer ou do não-crer, pois não tem nada a ver com a tal "lógica cartesiana".

Assim, se no princípio tudo era Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus, fica estabelecido que cabe só ao homem decidir, sem flexionamentos de qualquer natureza.

A poesia de José - que de passagem nos recorda as "tentações" do colega Augusto dos Anjos - afirma com extrema sensibilidade a existência de um mundo "adicional", anterior ao racional mas não menos real do que aquele (ou este). Ela afirma a existência de um eterno intimamente dependente do "verbo". A mim, parece que ele tem razão.

José, o médico que sutura, tem consciência da cicatriz; José, o médico que ausculta, tem breve certeza do diagnóstico. Resta-nos saber qual José faz poesia: o que tem breve certeza ou aquele que crê nas cicatrizes eternas. Seus versos são assim: cicatrizes. Talvez, por isso mesmo, tenha decidido pelo título "A anatomia passa, a poesia traspassa". Tem sentido.

Acho que você deve ler livro, tomado pela alma de poeta, mas enxaguado pelo sangue de homem comum.

Eu li, reli e gostei demais. É alguma coisa nova, felizmente.

Luiz Carlos Martins
Cons. Editorial da CBJE

A anatomia passa, a poesia traspassa

Antes dos tecidos
e da carne vazia,
a célula era o verso:
veio de vida e voz,
verve vindo a nós
enquanto ainda dormia
a linguagem no Universo.

A ILUSÃO DO ÁTOMO

Mais coisas numa vela acesa há
que somente oxigênio a queimar;

há metáforas nuas ou vestidas
para compará-las à vida;

há efemeridades no ciclo curto
das coisas eternas que me imputo;

há metonímia que não espero
estar presente no amor que quero;

há estreitos abismos sob a ponte
que a ânsia de uma longa espera esconde;

há esperança de cura da doença
que eu espero que nunca me vença;

há coisas inexplicáveis nas inexpugnáveis
batalhas para vencer guerras intermináveis;

há proximidade entre o sono macio
e a calma da morte fluindo no silêncio de um rio;

há linhas tênues entre as minhas ilusões
e a loucura profética das minhas alucinações;

há uma luta permanente entre mim e o meu ego
do qual, em benefício próprio, fujo ou me apego;

A anatomia passa, a poesia traspassa

há um espaço curto entre a involuntária demência da velhice
e a inocente consciência da criança na peraltice;

há uma eterna vontade de ficar no corpo que habito,
mesmo na eterna incerteza de saber quando partirei ao infinito;

há a certeza de que, enquanto a parafina queimar
se diluindo, haverá vida no sólido que me restar.

EUTANÁSIA

Tão pesada é a carcaça que temos e movemos
misturada ao concreto dos edifícios
e ao oxigênio caro dos tubos
os quais não refazem as paredes
nem as fotografias continuamente germinantes
quando o sono sem dono
nos deixa esperando as tintas
que nos colorirão as mãos momentaneamente mudas.

(No silêncio frio do futuro que comemos
ainda esperamos o súbito inesperado presente
que não somos obrigados a querer).
Desabitados, todos os castelos perdem seus reis e seus
[fantasmas errantes,
os endereços parecem pátrias que perecem desconhecidas e
[desabitadas,
os legados estacionam em hibernação interminável,
a esperança finca sua espada no Saara à espera de Arthur
e as coroas que preparamos escorrem seu ouro pelos nossos pés.

Na imaginação longínqua, os paraísos
(por desejo outrora)
inimagináveis e inabitáveis,
que nos raptariam seres inacabados ou imputáveis,
servirão para nos tragar ou trasladar
como reféns no inferno dos nossos itinerários;
mas, no silêncio dos ventos e na tempestade que arde em
[nossos pulmões,
o trem que nos espera por horas quer partir mesmo vazio
enquanto não nos compram as passagens nem nos deixam
[comprá-las.

A anatomia passa, a poesia traspassa

Na carne, só há corpo enquanto a dor vingar
irrompendo vísceras e pele em continuidade
para expor a flora da fragilidade
que nos coloca nas portas da floresta escura ou fértil
em que o espírito amargará em sua prisão por não poder partir.
Na sua fuga bruta e arguta,
implora-nos (à sua devoluta vontade)
as nossas mãos (criminosas?), embora em muitas tardes
se vá sem domínio nosso sobre o vosso modo de querer
e sem dizer se nos gosta do músculo que ele abala em pulso.

Na estrofe de uma poesia tênue prosa em seu limite,
refrigera-se nossa fotografia escondida na última imagem
ao livrar da maresia a invisível forma íntima
que nos animou os melhores versos juntos,
que não serão comidos dia a dia
pelo remorso que acaso nos perseguirá.

FRENTE A FRENTE

Entre o tempo e minha epiderme há uma imagem,
morada de um amarelo empoeirado,
que, se não se desbota, se descolore a despeito de mim.

Irrrompe uma face nela aprisionada,
lisa, progressivamente distante do que era (se foi),
intangível na superfície e no silêncio.

Sua feição não pára nem pede para existir,
traspassar a carne fixa presa nalguma moldura,
libertar a aura envolta nas barras *d'alguma* clausura.

Se incorpora da anatomia magra dos esqueletos de memórias,
mantém carbono e cálcio em futuro longo, inteiro e intacto
nas vidas latentes que dominam a derme *d'algum* papel preso
[ao tato.

Inacessivelmente essência escura aos olhos
permanecerão todas intocáveis. Impalpáveis na imaginação,
quando sem mensuras dos números de calendários que as
[delimitarão.

Contudo, o contraste do contato entre o vidro e as rugas nas
[mãos da minha mãe
tentando me catar, ao dedilhar a lividez desidratada da celulose,
não me deixa dúvidas: a velhice em foto estanca, mas em nós
[avança em doses.

CINZENTA E BRANCA

Minha pele é a fronteira da Caxemira
constantemente vivendo sob a mira
de olhares sórdidos e mísseis atômicos.

Pesa em seus ombros tudo que não mora em si:
descendência, ascendência, genes, gestos
estereotipados bem antes de concretos.

Há uma anatômica e tissular lição
de tudo que vive em meu cérebro:
a região deste que pensa não é branca.

Mas nem assim, defere a si poderes de tez.
Embebe-se, em vínculos fraternais, na sensatez
de ser siamesa à branca cor visceral irmã.

Até parece que o Limbo dos desejos límbicos
germina de raízes hipodérmicas;
mas eles não se matizam para atingir a mente.

A cútis não pensa nem reflete o que cala
e, se fala, diz não ao mimetismo,
também não ao cinismo.

Se é branca, é branca;
se é preta, é preta;
se é de qualquer cor, não é cor qualquer.

Nos olhos, onde convivem branco, azul, verde, castanho, preto,
tatuagens e cicatrizes contaminantes
são o vagão que suportam a viagem dos infames.

Isso é que povoa os corpos dos nus de nascença.
Eles não sabem que na policromia do coração
não se sobressai nem mesmo o vermelho que o sangue ostenta.

HORAS

As horas não têm culpas
de serem como são.

Vêm e vão, dessepultas,
como assim feitas foram;

perduram como estão:
mínimas, milenares;

rodam sem reclamarem,
alheias aos olhares;

sina a sina, tranqüilas,
mutilam quem medi-las...

ZERO ABSOLUTO

Há um mundo que flutua sobre nós,
donde, além de espumas e nuvens,
jorra simples e somente gás.

Se expande, se contrai, se esvai;
ilusoriamente se refaz,
mas só nos deixa a forma do jamais.

Se outrora foi corpo — celeste astro,
no agora é talvez; apenas rastro
que se apaga, se repete ou jaz.

Há vida em vapor na sua forma,
e apenas lembra o que se torna
novo aos olhos e se desfaz.

Há o sopro que nos mantém:
sempre em constante vai-e-vem,
e quando se vai, não volta mais.

Há um lábil e gasoso passado:
frágil, poroso, que desmaterializado
não representa nem guerra nem paz.

Mas há solidez na divina dádiva perseguida,
trabalhada na oficina da finita e preciosa vida,
onde ferramentas invisíveis fabricam metais.

RESQUÍCIOS E INDÍCIOS

De repente, germina a necessidade de não mais existires,
mas te inventas em mim a qualquer custo,
embora eu te necessite mais que esquecimento eterno;

te inventas no *Chanel*, no *Jeans*, na calcinha – com que me tocas
[ainda úmida,
embora seja despida que exales cheiro de relva fina sobre a cama,
e sem *Zorba* meu orvalho espesso inunde o quarto com seu
odor de hipoclorito;

te inventas nas preces e nos anjos que na tez das minhas mãos
[se tecem,
embora, de balde, eu deseje decepar dedo a dedo arraigado ao
[corpo
e apagar as rugas, as digitais e os desejos que neles encravo;

te inventas espectro vivo me purgando na Inquisição sem
[indulgências,
embora o céu buscado alimente a fogueira onde queimas
[Joana d’Arc
que não te exorciza na casa em que me assombra, e vacilo se me
[condeno contigo;

te inventas ossos e carne magra necessários ao corpo teu que
[quero quando me palpo,
embora insistas em devoluto espírito mover montes, abater
[muralhas
e me deixar sem forma enquanto almejo a fôrma tua para ser
[indivíduo ao menos;

te inventas profunda e invisivelmente em tudo que respira em
[meu redor
até que esse tudo seja algo por si próprio, sem precisar da vida
[que te dou
e nessa nova ficção caduques desencarnada se eu não te der o
[quero que percas.

Te inventas, mas não te crias. Criar-te por si própria em mim,
[não me permito,
porque criar é muito mais denso e profundo que simples
[ilusões a incursões exógenas.
Quem cria não esquece, e preciso esquecer a facilidade de ser
[tuas invenções.

SAUDADE

Cada momento vivido me deixa um pedaço
sem limites para ser guardado, mas guardo-o,
embora esteja além do alcance das mãos
e ausente das retinas – no campo intangível da visão.

Ele não se conserva na forma de órgão,
não bate, não pensa, não respira...
Existe simplesmente. E à revelia
se multiplica, se renova ou se aniquila.

É espectro multiforme que na luz
se alonga, se encolhe ou se dilui
para emanar o cheiro sensível que retém
no excesso de geometrias que suscita.

Necessita ser extirpado de mim
e levado pela anatomia de alguém
para mostrar que suas dimensões têm
a medida inexata do vazio que ele deixa.

LONGEVIDADE

Deste fôlego que me deram,
degusto tudo muito pouco.
Privo-me guardando o corpo
para uma longa sina incerta,
que de tão progressiva e secreta,
rouba-me oxigênio e escopo,
doando-me à praça com o busto exposto.

NEOPLASIA

Nossas células
funcionam,
envelhecem,
nos desobedecem.
Muitas vezes,
em desordem,
crescem,
mas, no fim,
fenecem
e findamos
com elas

até que o nitrogênio
nas praças nos ressuscite
frondosamente.

DEPRESSÃO

Talha-se. Torna-se trombo.
Encrava-se. Entope-me.
Enfarta o elã e a fantasia,
enquanto a desejo feito a sangria
que me deixa a pele vazia,
porém, entre os brancos escombros,
livre, lívido, hemorrágico,
exangue – lasso, almejo-me bendito.

No *não-sangrar-nem-permitir-fluir*
fundamenta-se o teu prazer de me exaurir,
encharcando-me, como se tudo fosse
resumido a nada usufruir,
mas te proscervo até teu mundo ruir:
ofereço teu coração, em sacrifício,
a quem te queira dar sumiço.

DUREZA ENDÓGENA

Produzo facas pontiagudas nos músculos
para proteger os cristais delgados
que fragilmente se deitam e descansam
nas cordoalhas do meu coração.

Previno-me de invasões inevitáveis.
Não quero ser derrotado nem conquistado,
nem ter o território, que eu não controlo, dominado,
nem destruídas todas as vidraças que construí.

Receio que me repartam, e em finos fragmentos,
me distribuam a desconhecidos secretamente,
e que me descubram quando não mais eu valer a pena.

EXÍLIO

Tenho fossilizados vários pedaços dentro de mim:
braços, cabelos, olhos, tecidos, ruínas ancestrais,
caixas de sapatos onde se escondem laminas digitais.
E o carbono lido anos após é velho demais
para contar o que não se consegue extinguir.

Na busca do ânimo do que existiu,
registros apenas mentem quando se delimitam
nas dimensões – medidas frágeis – que em vão medem o ser.
Nada detém um Ser em querer ser seus próprios seres
[esquecidos.

Membros decepados de seus donos,
bailando inerte no vazio,
orquestrando sinfonias mudas,
incorporando tatuagens irreproduzíveis
e nuas de inscrições de saudades sobre si,
só desenharão castelos,
construirão espaçonaves estelares,
florestas, mares, cidades, lares...
se conseguirem desenterrar os próprios ossos
nas civilizações que se escondem no âmago dos fossos,
antes de se desfazerem bem antes de tudo que passa.

Melhor ser apenas o brinquedo que só existiu
enquanto atado ao corpo que o comportou;
mas, ao desatar-se, não mais voltará
a ver as mãos de quem realmente queria:
a pessoa que lhe dava ânimo humano.

A anatomia passa, a poesia traspassa

(...)

*se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.
Carlos Drummond de Andrade*

No âmago das vidraças
de algum museu perdido,
haverá um dia espaço onde,
semelhantemente aos bustos
reproduzidos em ouro, prata, aço ou bronze,
as mãos descansarão dos seus invisíveis gestos
que visivelmente por elas foram executados.

Dos adornos e curvas do que foi acariciado,
algo digital sobrá quando se apagar
a última marca demarcada a dedos.

Basta para isso sensibilidade datiloscópica
no olhar da humanidade pernóstica.

CALENDÁRIO, ÓLEO E FERRAMENTAS

Parados e pasmados, examinam-te à Mario Quintana
em suas apologias a Porto Alegre,
mas com amor resumidamente cartográfico.

Viajam em teu labiríntico perímetro,
extrapolam-se e julgam procurar algo que perderam,
mas repousam incautos em teu vultuoso períneo.

Destacam e descartam partes de tua anatomia,
porém os invade uma necessidade urgente de se deterem
apenas naquelas que lhes prometem proibidos prazeres.

Calada, recatas tua tranqüilidade de papel cumprido,
permaneces indiferente feito a parede onde repousas
e alimentas a luxúria dos que freqüentam as oficinas.

VÃ REGENERAÇÃO

Crio remédios;
cicatrizo-me,
mas me feres;

a carne viva
regenera-se,
mas se fere;

o corpo cego
sacia-se,
mas me firo.

A poesia
adia-se,
agonizo-me;

suplanto-me só.
Seco, prefiro
silêncio e pó.

TEMPO EU-CORPO

Sigo sorrindo para o meu corpo
enquanto eu for passando por ele
e nos sorrirmos mutuamente em fases;

entendermos a necessidade da convivência
para podermos deixar, na passagem,
algo de um dentro do outro.

Porquanto lúcidos, nos controlarmos
e simultaneamente de tal modo nos darmos
até perdermos a noção de hierarquias.

Nutrirmos o melhor da harmonia
para mantermos a homeostasia
até que chegue a hora em que tudo se prenuncia,

em que o peso daquele que dissipa o elo
e faz surgir o peso da carne sobre o espírito,
enferrujando as roldanas e as catracas,

faça valer seu nome tempo e se mostre e se esconda
e apareça sempre na minha carcaça palmo a palmo;
então, aceitarei a fuga como vitória.

E mesmo sem saber se te habitei ou me habitaste,
permite-me a viagem, pois necessário é ir-me
para que eu te envie cartas às plantas que germinarás.

IDENTIDADE

Me habitar completamente
é me habituar inteiramente
a mim mesmo
enquanto resisto.

HIPOCONDRIA

*Guardar rancor é como beber veneno
e esperar que o outro morra
W. Shakespeare*

Temos remédio para todas as coisas
palpáveis
que inventamos.

Até para o hábito do vício
tentamos:

– máximo alívio
esse exagero
de querermos ser livres.

O prognóstico,
como gostaríamos,
deveria estar em nós,
e nossa ansiedade
superar-se além da calma
e não se naufragar
em violenta saciedade
de existir sem cura.

Nem toda terapêutica
é pura
nem conforta em convalescença
quando a cicuta
em nós encurta
a vereda curta
entre a dose
e o carbúnculo.

MALABARISMO

Adormeço,
me retorço,
(quase sorvo a forma
do meu colchão defumado),
acordo.
Pela manhã,
Fede meu dorso,
e penso:
“Seguramente,
no fim do mês
meu salário me perfumará”.

Mas, quem pensará
no sono
dos que dormem nas vielas,
pontes, viadutos, favelas,
dos desvalidos
sem ao menos uma vela
para lhes alumiar
com incensos
e acalentar
os fiapos de seus sonhos?

PREVISÕES

Meu endereço astral
está dentro de mim
perdido em alguma artéria,
derramado na matéria,
falecido em cada diástole
(limítrofe, inerte, lábil)
e a cada sístole ressurgido
em hematose de ciclo pulsátil
a manter a incerteza do lábio
que não prognosticará horizontes
enquanto nas entranhas nada pulsar.

LUXÚRIA

Meu corpo se acomoda às calorias;
eu, demasiadamente, não.
Engordo às claras,
mas quero estar magro,
livrar-me da gordura.

Do excesso
que não quero acumular,
me protejo
para não precisar digeri-lo.
No entanto, tudo me ronda em banquete,
embora nele nada eu cate
ou me farte;
impedi-lo, porém, de morar sob minha pele
tentando empachar-me na derrota das enzimas,
faz-me degustar as fezes que não defeco.

E assim não emagreço nunca,
pois o mundo não me limpa do seu lipídio.

SOMBRA

É tenra a plasticidade
que me transfere às muitas formas
e me prescreve milhões de corpos
cujos órgãos sinto mas desconheço.

É fina a vontade das luzes
que multiplicam minhas necessidades,
e até as formas que não quero individualizar
me perseguem e em si não me desprendem.

É cataléptica a verdade que espero
ressuscitar ao mirar na minha sombra
a anunciação de pessoas em mim
chegando nos meus *eus* que já sumiram.

É o enquanto eu que baila película
e não me vejo em cor alguma assomar
se não deformato as vãs e passageiras
maneiras de fazer do encanto o nada
que segue o predestino de cada criatura viva
para viver o eterno gesto de ser reflexo de mim mesmo.

CÉLULA FOTELÉTRICA

Há fragmentos de mim,
arrancados da minha'aura,
que guardarei na gaveta.
E quando eu me faltar,
num futuro bem distante,
eles me ressuscitarão em preto e branco
espalhados sobre a celulose morta
como se fossem a parte ausente
que guardei atrás da porta
para um dia completar a minha ausência
e confortar quem a suporta.

MAPA INTERIOR

Muitas cidades grandes,
como Tóquio, Cidade do México,
São Paulo e Nova Iorque,
têm ruas enormes
com segredos gigantes,
mas só fico pasmado
diante de mim
que sou sem fim,
cheio de avenidas
que são irrestritas.
E muitas vezes não vou ao além
das que eu conheço,
pois, das muitas que existem,
sequer do começo
sei qual endereço.
Porém, gostaria de me perder
em todas elas por puro prazer
de somente por um dia pisá-las
antes que o vento possa levá-las.

PSICOPATIA

Reúno em torno de mim
todos os lindos nomes lidos
com os quais se batizam
a violência dos ventos:
tentativa vã de acalmar-me,
porquanto fúrias
são cegas às lamúrias
como as espadas sem guias
que me deceparam a cabeça.

Nem Katrina, Wilma, Bonnie,
Jeannie, Hermine, Virginie.
Nem Stan, Matthew, Otto, Tammy, Ivan.
Nem Alex, Charley, Danielle, Emily, Lee.

Nem que meu batismo me mudasse
e de procela furiosa à brisa me levasse
e com mais suavidade me habitasse,
eu seria tão anjo ou monge por dentro
como a passividade dos ventos
nos quais meu corpo não consegue deitar-se.

HIPOCRISIA

Não deixe que o amor traia você!
Não se briga contra o que não se vê.
Seres que não têm sequer um corpo
detêm a pior das armas que se pode ter;
portanto, não deixe que o amor traia você!
Fuja da luta desigual, nua de escopo:
infeliz batalha entre o tangível e o invisível;
inimigos contra os quais os olhos não podem lutar,
fazer irremediável a batalha é guerra curta e dura.
Mas nem assim, rejeite o amor de quem lhe finge amar.
Porém, não fique nu dentro da própria armadura,
nem se eviscere secamente da pulsação estática
sem a certeza de que pelo dorso você não sangrará
antes que a face pálida e sarcástica
se mostre toda na lâmina que lhe tentará varar
sem que de fato, no seu fingir, você possa enganar,
também.

E nos primórdios
já era o verso
verso
e este
se fez voz
e habitou entre nós.

PROVA 06

CBJE

A anatomia passa, a poesia traspasa

A anatomia
passa,
a poesia
traspasa;

a citologia
individualiza,
a poesia
universaliza;

a biologia
explica,
a poesia
replica;

a fisiologia
metaboliza,
a poesia
reprise;

a homeostasia
organiza,
a poesia
pereniza;

a patologia
fragiliza,
a poesia
canoniza;

José de Sousa Xavier

a hemorragia
sangra,
a poesia
estanca;

a eutanásia
mata,
a poesia
trata;

a criogenia
congela,
a poesia
degela;

a poesia
é tanto,
a anatomia
nem tanto.

A anatomia
é corpo,
a poesia,
escopo.

Corpo
e poesia
iguais em ia,
absorto acordo.

Na poesia
há metafísica,
no corpo,
só meta e física.

A anatomia passa, a poesia traspasa

Criando paraísos
nas pontas dos dedos,
vou me planejando dia a dia,
mas, enquanto não sou deus,
vou remoendo minhas divindades,
seguindo a fazer poesia
dentro das minhas necessidades
até que na metáfora
a metafísica não me separe de mim.

ESPECTROS

Dar-se por desaparecido não é estar perdido.
Fugas constantes não constroem um mero esquecido.
Demais é pôr-se rico por algo e depois perdê-lo
pela ineficiência do elã em querer retê-lo.

Muito do que se vê não é o que se percebe.
O que se apresenta nem sempre existe, mesmo ao toque.
Ampulhetas escorrem areia viva, transmutam e há
de um lugar a outro; não importam a massa ou o peso.

Há coisas invisíveis que se escondem do humano mundo,
não por que sumiram, pois independentemente já existiam
e continuam a boiar moscas ou anjos sobre todas as cabeças
sem se mostrarem enquanto homens insistem cegos.

Somente escura ausência luminosa aos olhos não é cegueira.
Muito além de audácia e espreita, precisam ir os olhos além
para se ver como percebem o que não vêem na existência física,
os poetas, embora vivos, ao fazerem seus poemas irretocáveis.

A RAZÃO DE SER POEMA

Um grande poema não envelhece,
não cria rugas nem se enriquece
das *ites* nem da angústia humanas.

Nele há um tempo que facilmente se move,
retrocede, permanece, se renova,
orbita refém dos seus versos e o habita;

nele as guerras, as epopéias, as construções,
os amores, as dores, os desabafos, as confissões...
não ressuscitam visto que não morrem;

nele se engrenam células sobre células
compondo tecidos e órgãos de um corpo
que mutilado perderá a razão e o escopo,

– no entanto, não perderá sua função de vida
visto que é feito água quando repartida:
se reúne sem cicatrizes e mantém o que o anima;

nele há uma dimensão própria e particular
cuja existência não se explica simplesmente
posto que é uma fotografia com movimentos latentes;

nele há um elemento pronto para se revelar
carbono claro e continuamente conclusivo,
se o buscares de modo real ou alusivo.

EXALTAÇÃO

Fui gerado pra conceber versos,
coabitar com o mundo
que está contido em mim
e se mistura a tudo que é meu
enquanto vivo perdendo intimidades,
realidades ocultas aos olhos simplesmente.

A tudo que está em meu verso contido,
respeito, aclamo, aproveito.
Conquanto não ficará no meu corpo retido.
Sua presença em mim é fugaz.
Por isso, me apraz
beijá-lo, tocá-lo, possuí-lo
antes que eu parta
e me repartam disforme
na celulose morta,
e eu não seja
nem forma
nem fato.

AGENESIA

O que nos castiga
não é o peso da ausência
do verso que queremos
quando não vem.

O que nos castiga
é o verso sem peso
que se mantém ausente,
mesmo quando vem.

PRESCRIÇÃO

Nascemos sob uma insígnia
que nos carimba uma poesia
lírica, mas na realidade
somos épicos no existir.
Na origem, miragem de prosa
e saga continuamente se resumindo
a menos prosaico e mais poético
no sentido evolutivo da concisão
que nos reserva essa evolução
presa no próprio senso da vida:
fazer e ser metáfora na inocência,
sofrê-las e aceitá-las na senescência.

PROSCRIÇÕES

Escondo e esqueço dentro do meu poema
confissões congênicas.
Propositadamente as injeto
como líquidos e genéticos objetos
nas suas células, medulas e juntas
para não serem encontradas
nem entendidas,
se lidas.

CONFLITOS

Cometo iatrogenias
quando adentro o meu corpo
e não volto,

aprisiono intimidades
que não me pertencem
nem merecem mosteiros,

discrimino lirismos
com repressão seca
prenha de fúteis conceitos,

penso que o mundo
me cabe todo e para sempre
no centro do peito

e não me concebo
um remédio perfeito
para a ausência da poesia.

HABEAS CORPUS

De um poema se arranca tudo, mas não se leva nada.
O que nele está ortografado, grafado está
intacto como posto por quem o fez, quando o fez.
E o que lá se colocar após, embora fixo, não ficará,
pois viajará nos olhos de quem o fitará.
Nele, tudo será eterno o tanto quanto passageiro for:
retirantes que se vão e não deixam suas malas
ainda que de mão em mão abertas distribuam pertences
a quem precisar levar seu tudo de forma total,
porquanto o poema precisa estar vazio e, na essência,
não ser de quem quer que queira prendê-lo,
enchê-lo e fazê-lo indigesto e constipado.
Como esponja que metaboliza o que incorpora,
e apertada entre as mãos, destila sua seiva doce
para assumir sua antiga forma livre e porosa,
assim precisa estar e ser o poema em seu repouso,
na sua forma de não ser de ninguém e estar em todos,
porque do vazio que o deixam sempre sobra algo.
Ele, porém, continuará a ser de ninguém e de todos
por ter vindo ao mundo por um mundo de um só
para que o mundo possa tê-lo sem mundos a retê-lo.

POÉTICA ETERNA

Vestido de branco, rotineiramente, teço auscultas
para sentir as noites e as tardes
e não escuto nada nem de um dia nem de outro.
As pessoas me ouvem as vísceras,
mas não me entendem.

Tampouco me perguntam algo sobre elas mesmas
por acharem que me agarro tanto a nuvens,
que arquiteto estátuas plúmbeas
que nada sabem sobre mim.

Porém, reconhecem que são esses arcabouços de corpo
que me perscrutam e guardam o meu desejo
de me permanecer enquanto passo
invisivelmente pelo lado de dentro das vitrines
enquanto os generais que dormem não acordam.

No centro de uma enfermaria vazia, sem remédios nem
[médicos,
em meio a leitos em leite que se talham em vermelho,
não me socorro em nada enquanto não me vêem
nem sabem que tenho ouvido minhas enfermidades
e que minhas mãos sozinhas não tecem eternidades,
nem pretendo lutas paralelas em que meu nome suplante a
[poesia
em longas e intermináveis efemeridades claustrofóbicas.

Vestido de branco, vigio os corredores longos e sem transeuntes.
Monitores piam longe, agitam-se no limite, mas me deleito em
[calma;
enquanto espero, sou paciente, pois os versos que vivem em
[mim

A anatomia passa, a poesia traspasa

ainda transpiram sinais freqüentes,
denunciam as vidas que lhes habitam latentes
e embora me deixem entorpecido, de mim não se desencarnam
enquanto a poesia me permitir fazê-la respirar.

PRESSÁGIOS

Imagino corpos em minhas mãos e os possuo todos;
urge o tempo, e quase não me restam mais embriões entre os
[dedos;
apresso-me para que não se esvaíam e se esparramem pelo
[espaço.

Pedaços de palácios, casas, castelos, praças, ruas, campos
estão nas minhas gavetas guardados e não se fizeram palavras,
tampouco versos para suster os poemas que nem sequer
[surgiram.

Taquicardia, suspiros, lágrimas, suores, vômitos, língua, mãos
misturam-se a mim e eu a eles, mas não me trazem nada
nem denunciam onde se esconderam todas as coisas que eram
[pó e que eu palpava.

Meninos, velhos, mulheres, homens, exércitos, gente, bichos
imbricam-se em meu redor, mas meu olfato perde-se em
[pedras
que, frias, opacas, inodoras, não deixam exalar o que inalo
[inutilmente.

Vozes, ecos, urros, berros, uivos, gritos, estribilhos de vento
são do silêncio uma forma do alimento que não digiro porque
[sou surdo,
pois quase não me ouço pensar nem clamar por páginas
[prenhas de imagens.

Pessoas-bichos, pessoas-lugares, pessoas-saudades, pessoas-
[sentimentos

A anatomia passa, a poesia traspassa

são híbridos que crio em busca de me salvar da secura que
[mora em mim
enquanto os livros não me ensinarem a profetizar poesias
[predestinadas.

Apresso-me em colher primaveras enquanto o outono não
[chegar pela manhã
quedando minhas folhas com imprestável sabor que poluirá o
[solo desértico,
sem me levar nada que produza efeito duradouro e
[reproduzível.

Concedo-me todos os fragmentos espalhados do berço à cama
[na varanda.
Vertiginosamente caio e caem de mim gotas que se agarram às
[paredes
e lutam, mas fenecem lentamente antes de molharem as
[entranhas da terra.

Pareço despertar de uma prisão onírica, vislumbrando todos os
[papéis
em que meus poemas dormirão nos porões dos navios que os
[levarão e os deixarão
no mais abissal dos oceanos, onde somente sobreviverá aquele
[que me retornará.

BABEL

Palavras:

esses órgãos nossos
que não nos pertencem,
até mesmo antes de nascerem,
coabitando com nossa mente,
já são carne apartada dos ossos.
Comandam a si mesmas,
revoltam-se ao bel-prazer,
fogem sem querermos
e percorrem mundos diferentes.

Porém, vagarão no ermo do anarquismo,
sofrerão horrores de senzalas.

Retornarão distorcidas e arrependidas,
suplicarão perdão e cura para os seus esmos,
quererão, resignadas, as formas perdidas.

Mas, perdoadas, preferirão apodrecer recatadas se maduras
não sofrerem no mundo infortúnios e agruras.

A METADE DO NADA

Se não se é tanto
o que tanto se quer
ser tão o tanto que se é,
então, por que se tomar
tanto o tanto e o tão
para não ser o tanto
que tão tanto
se pensa ser?

O CICLO DA FALTA

Vou criar saudade
pra sentir saudade
da saudade criada
e sentir mais saudade
da saudade não criada
durante a saudade que crio
ao sentir saudade
da saudade
que ainda não é saudade,
mas haverá de ser criada
com a poesia que crio.

INCIPIENTE

Em versos curtos
com estrofes quase ausentes,
esconderei navalhas
com lâminas afiadas
para ferir quem os dissecar
só para levar consigo
o resto de lirismo
que lhes habita o ventre.

SEM MURALHAS

Deixarei as senhas para quem as quiser.
Não fecharei as portas,
tampouco as deixarei escancaradas;
darei a liberdade a quem quiser ir e vir,
contanto que deixem espaço para que os outros viajantes
partam quando não tiverem mais missão por aqui.
Embora meu lastro largo suporte a todos por um tempo longo,
com misturas inesperadas, Babel pode explodir.
Por isso, minha resignada indelicadeza.
Mesmo assim, podem entrar porque a casa não me pertence.
Sou poesia e sou de todos que quiserem se chegar,
ficar, ir-se, retornar ou viver em mim,
porquanto, enquanto passar a vida pelo tempo,
não passarei nem terei fim nas mãos de alguém.

ALMAS GÊMEAS

Espalhar versos,
criar cúmplices
com a mesma intensidade.
Assim se dissipa
a poesia e o poeta
que juntos se completam;
este lhe dando carne
ao corpo invisível
e aquela lhe dando asas
para as suas odisséias.

O INTANGÍVEL VISÍVEL

Prezado poeta,
sem querer me deter
em coisas estelares
nem construir conceitos
de lugares concretos
sem tetos
para se reter dogmas
que não existem,
penso no lugar
onde a definição
sozinha
se definha
sem topografia
nem geografia
se não quiseses dar
teu infinito pensamento.

Ao tentares encontrar
sexo para as coisas
que não têm gênero
nem nexos,
crias dimensões
que nem tu
consegues dominá-las.

A anatomia passa, a poesia traspassa

Assim é o buraco
negro que procuras
explicar na escuridão
do verso que reflui
sem luz
se não deixares
escapar
da tua boca
a poesia.

PROVA 06
CBJE

A anatomia passa, a poesia traspasa

E entre nós
se fez poesia
e nos gerou
o amor
nosso
e vosso
de cada dia.

AUTO-ESTIMA

Muitas derrotas haverá somente
se tu quiseres, no teu mundo nobre,
que qualquer força tão fugaz e pobre
te roube a vida e te domine a mente.

Na vastidão do cosmo a voz pequena
leva dos astros toda a massa bruta,
e tua força na mais forte luta
soçobrará desfavorável pena.

E por menor que esta aparente ser,
nem o maior exército, a vencer,
devolverá tua vitória, enfim.

Grande guerreiro, traz na mão teu aço
para arrasar com altivez um traço
de ecos da noite que ajuizar teu fim!

ESCRITA CHINESA

A Julianna

Teus olhos de mistérios amendoados
protegidos estão nas Murallas da China
e não me permitem invadi-los,

mas, muito mais e maior que tudo
são os ideogramas neles escondidos,
indecifráveis se apressadamente te fito.

Muito ainda há em ti que irá crescer
para se desnudar e transparecer
à tradução completa de tua escrita.

Por enquanto, como quem fita
o que do outro lado haver imagina
das elípticas fendas e das retinas,

prefiro o meu analfabetismo intencional
à erudição profética e imaginária
enquanto és mistério e alegria.

O LOBO DO MAR

Ao meu pai

Teu coração é muito mais profundo do que pensei,
um mundo maior que todos os oceanos juntos.
Nele, cabem muitos barcos de quilhas profundas,
âncoras de cordas longas e lemes leves e lépidos.

Pensei em transformar todos os mares em palavras,
mas da minha boca não escorre uma gota d'água sequer.
Fonemas quaisquer não merecem tuas virtudes;
por isso dizê-los adequadamente a todas, mereces.

Muito já se tem dito sobre ti pelos quatro cantos,
e o que me resta é uma cacimba rasa e quase seca,
para que eu possa molhar teus cabelos ainda úmidos,
o que farei como um rio calmo na proa do barco que guias.

Quando no convés habitar a ferrugem inexorável,
te pedirei permissão para assumir o comando
e navegarei pelos teus dias pacientemente como tu fizeste
ao me suster como barquinho a navegar até eu ser navio.

Quando tu te recolheres ao estaleiro, reconstruirei tuas velas,
embora eu saiba que jamais enfrentarás as mesmas ondas.
Porém, para que atraveses tuas últimas marés na paz da brisa,
adornarei um camarote onde descansarás com peixes e corais.

APENAS PRETEXTOS

*Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão
Geraldo Vandré*

Se te arrebatos do teu lar,
dos campos povoados,
dos recantos isolados,
dos braços de tua mãe
sem direito a chorar;

se te levo mais cara coroa
ao mais cadavérico funeral
onde perdes tua cor visceral;

se te entrego à namorada
ou a qualquer pessoa amada
que espera mais colorido
do matiz que logo o terás perdido;

se te levo a procissões
ou a remotas reuniões
onde ninguém sequer te olha
(e no chão apenas te pisa
feito matéria desprezada),
pois qualquer coisa adornada
é sempre o que se visa;

se te deixo em vasos tão rasos
onde sem poder de gênese
tu és consumida
sem direito a ter vida;

se te deixo sobre os balcões
ou sob a sombra de quaisquer galpões
por já não ter mais a tão cara cor,
pois apodrecestes de tristeza
ao se negar beber a água
que descansava sob ti
e, assim, não ter outro fim
senão morrer desprezada;

só uma coisa me resta a fazer
por tudo isso que te faço acontecer:
– me desculpe se te levo essa dor
minha tão solitária e impotente flor.

VIAGENS

seus olhos são azuis
pretos
verdes
quando deitamos juntos
e você guarda o seu êxtase
deixando-os fechados
são corais e turmalinas
esmeraldas
pérolas
imaginárias nas retinas
por trás de suas pálpebras
mineradas no enlevo
são estrelas e cometas
planetas
astros distantes
onde nós os viajantes
vamos juntos viajando
pois você vai me levando
enquanto estou lhe amando

SEM ALÉM

entre mim e ti
há tantas distâncias
que só a ânsia
pode contar
a eternidade
ou aferir
a intensidade
ora são oceanos
e anos
ora, segundos
e pequenos mundos
ora, planetas
e vastos cometas
viajando errantes
ora, tempos virtuais
sem horas pontuais
mas no fim de tudo
o orgasmo
nos deixa tão próximos
que nada há de nos separar
– naquele instante

MINHA AMADA

Para trás, ó enviado de todos os deuses!

Pretendes arrebatá-me o coração?

Ele jamais te será dado!

Do livro dos Mortos – 5.000 a.C.

Como poderia eu te dizer isso?

Se arrebataste com viço
o sabor da minha paixão
e possuíste meu coração;

se eu dormitava no lugar
onde tuas setas me alcançaram
e com suave veneno me embebedaram
te deixando perene a me habitar;

se fiz oráculos para teu espírito
dentro do meu corpo profano
preenchido de prazeres humanos
e de devaneios fugazes ou infinitos;

se da fuligem me fiz maciço
renascendo das cinzas e do vento
para me renovar a cada momento,
como poderia eu te dizer isso?

Livro produzido pela
Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
<http://www.camarabrasileira.com>
E-mail: cbje@globo.com